

Novo ato contra o reitor reúne uspianos e moradores da comunidade São Remo

Daniel Garcia

O ato em frente à Reitoria da USP na tarde de 22/3, contra as medidas tomadas pela administração superior, foi marcado pela presença não só de estudantes, funcionários e professores, mas também de muitos moradores das comunidades São Remo e Carmine Lourenço, vizinhas do campus Butantã, que correm o risco de ser despejados de suas casas, caso seja levado adiante o plano de “reurbanização” anunciado por Rodas.

Em solidariedade aos moradores das comunidades no entorno da USP, também compareceram ao ato os moradores da ocupação Novo Pinheirinho, de Embu das Artes. Estiveram lá, ainda, Guilherme Boulos, membro da coordenação nacional do MTST, Dirceu Traverso (CSP-Conlutas) e o deputado estadual Carlos Giannazi (PSOL).

Durante cerca de duas horas, os manifestantes reivindicaram a revisão de diversas medidas antidemocráticas do reitor, que atingem todos os setores da comunidade. Agora, além dos estudantes, funcionários e professores que sofrem processos disciplinares e medidas judiciais por se manifestarem politicamente, João Grandino Rodas

desagrada também os populares que moram no entorno da Cidade Universitária.

Os representantes da Associação de Moradores da São Remo acreditam que, com o plano de reurbanização, diversos moradores serão despejados de suas casas. Edivaldo dos Santos conta que a associação já tentou dialogar e que a Reitoria marcou uma reunião, na qual esteve representada pelos professores Alberto Carlos Amadio, chefe de Gabinete da Reitoria, e Wanderley Messias da Costa, superintendente de Relações Institucionais da USP. “Na reunião com o Amadio fizeram promessas, não cumpridas, de que os terrenos não iam passar para o Estado sem nos comunicar. No ofício encaminhado à comunidade não há nenhuma garantia de que teremos nossas moradias”, diz Edivaldo. A associação enviou um ofício com algumas questões sobre o plano de reurbanização, porém os responsáveis não souberam responder à comunidade.

Discriminados. Outra medida muito questionada foi a criação do BUSP. O novo bilhete de



transporte, destinado aos estudantes e funcionários da USP, garante acesso gratuito ao ônibus circular, que agora chega até o metrô Butantã; não atende, porém, aos funcionários das empresas terceirizadas. Muitos desses trabalhadores utilizavam o circular gratuito e agora temem ter de passar a caminhar até seus postos de trabalho diariamente, já que a maioria não recebe vale-transporte. “Cerca de 80% dos trabalhadores de empresas terceirizadas na USP são moradores da São Remo. São discriminados: não têm direito ao restaurante universitário e agora

nem ao circular”, comentou Marcello dos Santos (Pablito), do Sintusp.

O professor Henrique Carneiro, que também participou do ato, chamou a atenção para a necessidade de unificar as diversas pautas contra o reitor João Grandino Rodas. “Na última semana tivemos um ato com cerca de 500 pessoas das quais a maioria era de estudantes. Hoje temos um ato, novamente com cerca de 500 pessoas das quais a maioria é de trabalhadores. Temos que unificar os setores para multiplicar nossa capacidade de pressionar o reitor”.

Sarau Adusp homenageia Rimbaud

Fotos: Daniel Garcia

Os amantes da poesia deleitaram-se com o Sarau organizado pela Adusp em 24/3. A convite da entidade, o grupo Ó de Casa prestou homenagem a Rimbaud.

O Sarau foi aberto pelo professor Marcos Silva, da FFLCH. “Esta atividade gira em torno de um livro que eu publiquei no ano passado, *Rimbaud etc. História e Poesia*. Esse livro eu escrevi muito lentamente, comecei em 2001, acabei em 2009 e ele saiu em 2011. É um conjunto de textos que tem como centro a poesia de Rimbaud e seus contemporâneos, e mais dois textos que se articulam com esse universo”, explicou o docente.

O encontro teve início com a declamação do texto “A escrava que não é Isaura; fragmento”, de Mário de Andrade: “E Adão viu Javé tirar-lhe da costela um ser que os homens se obstinam em proclamar a coisa mais perfeita da



criação: Eva. Invejoso e macaco, o primeiro homem resolveu criar também. Mas como não soubesse ainda cirurgia para uma operação tão interna, quanto extraordinária, tirou da língua um outro ser. Era também o primeiro plágio: uma mulher. Humana. Cósmica. Bela. E para exemplo das gerações futuras...”

A apresentação do Ó de Casa mesclou música, poesia e teatro, encantando os presentes. Muitas

referências se entrecruzaram, pois, como disse Marcos Silva, buscou-se reforçar o diálogo entre culturas. Canções de Chico Buarque foram vertidas para o francês. Outras, famosas na voz de Edith Piaf, puderam ser ouvidas em português.

Depois de uma versão em português para a famosa “Habaneira”, de Georges Bizet, foi a vez do poema “Mi’a Boemia”, de Rimbaud: “Eu me ia, os punhos nos

bolsos virados. Meu paletó também se tornava ideal. Vinha sobre o céu, Musa. Te era leal. U-la-lá, o esplendor dos amores sonhados” ... “As estrelas, no céu, ciciavam o seu naco. E eu ouvia, sentado à beira do caminho, nas noites de setembro, em que sentia o vinho gotejante na testa. Róseo, vigor, são. E no meio do negror fantástico, como lira, esticava, esticava o elástico do calçado ferido... Um pé no coração!”

O Sarau encerrou-se em ritmo de Carnaval e depois passou-se aos comes e bebes.

